

NARRATIVAS DE PROTÁGORAS: CRUZAMENTOS ENTRE O MITO DE PROMETEU E O GRANDE DISCURSO

Robson Gabioneta *

Resumo: Pretendemos nesse artigo evidenciar os cruzamentos (pontos de contato, ou as conexões) existentes entre o Mito de Prometeu e o Grande Discurso, ambos proferidos por Protágoras no diálogo platônico que leva seu nome. Para nós eles estão no mesmo plano, sem hierarquia, ou, mais do que isso, se completam, se entrecruzam, dialogam; cada qual com suas potencialidades e suas limitações, quando colocados lado a lado, nos fornecem elementos importantes para pensarmos a possibilidade da existência da cidade. Sinteticamente os pontos de contato são: distribuição divina das artes e da virtude política; a problemática do castigo e a transmissão de conhecimentos e valores entre as diferentes gerações de homens.

Palavras-chaves: Diálogos platônicos; Prometeu; Filosofia política; cidades platônicas.

PROTAGORAS' NARRATIVES: INTERSECTIONS BETWEEN THE MYTH OF PROMETHEUS AND THE GREAT SPEECH

Abstract: We intend in this paper to highlight the intersections (points of contact, or connections) existing between the Myth of Prometheus and the Great Speech, both uttered by Protagoras in the Platonic dialogue that bears his name. For us they are on the same plane, without hierarchy, or more than that, they complement, intersect and dialogue with each other; each with its potentialities and its limitations, when placed side by side they provide us with important elements to think the possibility of the existence of the city. The summarized points of contact are: divine distribution of arts and political virtue; the problematic of punishment and the transmission of knowledge and values among different generations of men.

Key-words: Platonic dialogues; Prometheus; Political philosophy; Platonic cities.

* Robson Gabioneta. Mestre em filosofia pela Unicamp. Membro do CPA. Professor de filosofia no Estado de São Paulo.

Mito de Prometeu

“Houve um tempo em que só havia deuses” (320c)¹, assim começa o mito que Protágoras cria para Sócrates e outros atenienses que foram à casa de Cálías assistir sua aula. Protágoras constrói este mito e logo em seguida inventa um discurso argumentativo – respectivamente eles ficaram conhecidos como Mito de Prometeu e Grande Discurso – para mostrar: 1) a virtude política é possível de ser ensinada e 2) ele é capaz de ensiná-la. Se Protágoras conseguiu este feito, convencendo Sócrates e seus ouvintes deste seu talento, fica para outra discussão, por enquanto, voltemos primeiro ao mito e depois ao discurso. Como dizíamos o mito começa dizendo que havia um tempo em que só haviam deuses. Quando foi este tempo e como era o mundo e os deuses desta época nada é dito². Assim, chegado o tempo certo para o nascimento de todas as criaturas “os deuses modelaram-nas, no interior da terra, misturando terra e fogo e os elementos que com estes se combinam” (320d). Chegado o momento deles serem conduzidos a luz, os deuses incumbiram Prometeu e seu irmão Epimeteu a darem a cada um as capacidades adequadas. Epimeteu, porém, pede a Prometeu que o deixe fazer isso sozinho, ficando a ele o encargo da supervisão. Tendo o consentimento de Prometeu, Epimeteu realiza a atividade. Assim, Epimeteu dá a velocidade aos fracos, tirando-a dos fortes; a outros deu armas para se defenderem e a outros ainda deu outras qualidades para este mesmo fim: corpo pequeno, asas, ou algum refúgio subterrâneo. “De modo igualmente equilibrado, distribuiu também as restantes qualidades. E fez tudo com cautela, para que nenhuma espécie se extinguisse” (321a). Tendo dado as qualidades para que não se destruíssem, dotou-os de meios para se protegerem das estações de

¹ Estamos usando a tradução da Nunes (1972) com algumas modificações.

² Corradi (2012) aponta que o mito do diálogo o *Político* possui relações com o mito de Protágoras.

Narrativas de Protágoras

Zeus. Pêlos a uns, carapaças a outros, couros aos terceiros. A seguir, pôs a disposição dos animais os mais variados alimentos: pastos da terra, frutos, raízes, outros animais. Neste último caso providenciou que os animais que servissem de alimentos para outros teriam uma grande reprodução, sendo pequena a reprodução dos animais que se alimentam dos primeiros (321b)

Todavia, Epimeteu gastou todas as capacidades de modo que o homem ficou carente. Quando Prometeu veio inspecionar e viu que o homem estava prestes a ir para luz sem qualidade alguma, ainda que com alguma hesitação, roubou de Hefesto e Atenas a sabedoria das artes, o fogo e seu aprendizado³. De posse do dote divino, os homens encontraram os meios para sua sobrevivência, construíram casas e vestes, conseguiram alimentos, dominaram as palavras, e, por ser parente do divino, construíram altares e imagens em sua homenagem. Porém, os homens viviam dispersos, sem conseguir criar suas cidades por serem inferiores aos outros animais selvagens. Isso por que Prometeu, que foi castigado pelo primeiro crime, não conseguiu ir a morada de Zeus para roubar a sabedoria política e dar ao homem (321d-e). Ao observar os homens e aflito com sua situação, Zeus pede a Hermes para levar a eles o pudor e a justiça. Hermes, diferente de Epimeteu que não consultou Prometeu para realizar seu trabalho, pergunta a Zeus: “distribuo-os do mesmo modo que, no início, foram distribuídas as outras capacidades? As outras ficaram assim repartidas: um médico é suficiente para muitos leigos e o mesmo acontece com os outros especialistas. Atribuo, também, justiça e respeito aos homens deste modo, ou distribuo-os por todos?” (322c) Zeus orienta Hermes que essas qualidades devem ser

³ Diz Sobrinho sobre isso: “tendo recebido a sabedoria das artes e o fogo, o homem adquiriu aquilo que é constituinte de todos os seres vivos, inclusive dele próprio. Com o fogo o homem pode fabricar armas para caçar os animais ou mesmo outro homem” (SOBRINHO (2012, p. 83).

dadas a todos, pois sem elas não há cidade. Além do mais, continua Zeus: “estabelece, pois, em meu nome, uma lei que extermine, como se se tratasse de uma peste para a cidade, todo aquele que não for capaz de partilhar de respeito e de justiça” (322d).

Grande Discurso

Terminado o mito, Protágoras começa o discurso argumentativo. No primeiro ponto, ainda usando com a dicotomia técnica/política apresentada no mito, Protágoras diz que todos, inclusive os atenienses, quando se trata de assuntos referentes à construção ou outros assuntos desta mesma natureza – e aqui podemos completar com o mito: coordenação de palavras, fabricação de vestes e a aquisição de alimentos – poucos podem participar, uma vez que estes não toleram quem fala sem razão⁴. Porém, quando o assunto é virtude política, todos podem participar, pois sem essa qualidade não há cidade (323a).

Na seqüência, Protágoras, ainda com a dicotomia arte/virtude, diz que se um tocador de flauta julga-se bom, mas não é, ele é motivo de riso e chamado de louco, entretanto, se alguém reputado injusto se declarar como tal, é nesta situação, quando a pessoa confessa o vício que de fato possui, que ela é chamada louca. Isso porque todos precisam dizer que possuem a virtude política, a confissão de ausência dela implica na não permanência da pessoa no convívio com os outros homens (323bc).

⁴ Notem que não é dito claramente, nem no mito nem aqui no discurso, como se dá a distribuição das técnicas. Todavia, podemos deduzir pela fala de Hermes que, do mesmo modo que Epimeteu distribuiu as capacidades para as criaturas de modo equilibrado para que nenhuma desaparecesse, as técnicas precisam ser distribuídas aos homens para que haja equilíbrio entre eles.

Narrativas de Protágoras

A seguir Protágoras diz que demonstrará como a virtude política não é obra da natureza ou algo conseguido ao acaso, mas uma coisa que se ensina e exige treinamento. Com a exigência do ensino e do treinamento, Protágoras começa a aproximar a virtude política da técnica. A oposição agora será entre aquilo que o homem recebe da natureza, ou, se preferirem, dos deuses, e aquilo que para ser alcançado exige treinamento. Assim, quando o defeito é natural – feiúra, baixaza, fraqueza – ninguém repreende com vista ao aprendizado, algo, aliais, sem sentido; porém, as capacidades que exigem treinamento pois sem ele seus contrários se manifestam, todos se irritam e repreendem o portador de tal vício; não para corrigir o que foi feito errado, mas para que ele nem outra pessoa cometam o mesmo ato (324b-c). Para Protágoras então, a punição é mais uma prova de que toda cidade acredita no ensino da virtude.

Tendo demonstrado que todos podem falar sobre os assuntos da cidade, Protágoras diz que ainda resta uma última dúvida levantada anteriormente por Sócrates: “qual é, pois, a razão pela qual os homens bons ensinam aos filhos essas outras matérias que competem aos professores, fazendo-os sábios, mas quanto à virtude, em que eles próprios são bons, não os tornam melhores que qualquer outro?” (324d)

Se Protágoras não estivesse em Atenas talvez dissesse que nem Sócrates nem a cidade de Atenas com as suas leis conseguem tornar seus cidadãos virtuosos, porém, Protágoras cautelosamente retoma o mito dizendo que a virtude política é a qualidade que a cidade precisa para existir, chamando-a de virtude humana. Caso a punição não seja suficiente para educar aquele que comete um crime, ele deve ser expulso da cidade ou condenado a morte. Do modo que a família, e aqui Protágoras acrescenta no discurso algo que não havia no mito, sendo prejudicada com a falta de virtude

Robson Gabioneta

de seu ente familiar, será a primeira a se dedicar para que o ensino da virtude política seja suficiente (325b-c). Por isso, pai, mãe, pedagogo, enfim, todos que vivem com a criança se esforçam para que em toda palavra e em toda ação a criança aprenda a virtude. Do mesmo modo os pais orientam os professores das letras e da cítara que também se atentem para o comportamento do filho. Os primeiros devem ler para a criança obras de bons poetas, obrigando-a a aprender as histórias de homens nobres para imitá-los. Do mesmo modo, os citaristas ensinam à moderação por meio dos ritmos e melodias, pois “tudo na vida do homem precisa de ritmo e harmonia” (326b). Por fim, o professor de ginástica deve preparar o corpo da criança para que a falta de preparo não seja uma desculpa para fugir da guerra ou de outra atividade. Ao sair da escola é a cidade que deve ensinar por meio de suas leis a virtude política⁵.

Para uma última consideração e desta vez unir a técnica/arte à virtude política, Protágoras pede que Sócrates e seus ouvintes examinem a seguinte situação: voltando a usar o exemplo da flauta, ele pede para Sócrates imaginar uma cidade onde todos, cada qual na sua capacidade, necessitassem tocar esse instrumento. Nesta situação, todos teriam que ensinar a todos, de modo que ninguém pudesse fazer mistério do conhecimento. Assim, os filhos dos bons flautistas não seriam os melhores tocadores, e sim o menino com mais habilidades musicais e que aprendesse com os melhores professores. De qualquer forma, todos teriam conhecimentos musicais superiores àqueles que nada estudaram. O mesmo ocorre em relação à virtude política, mesmo o mais injusto entre os homens criados na lei, é mais justo quando comparado aos que “não tiveram nem educação, nem tribunais, nem leis” (327cd).

⁵ Talvez aqui esteja a indireta de Protágoras para a cidade de Atenas. Isso porque se Sócrates e seus parceiros não identificam homens virtuosos é porque sua cidade não foi capaz de, por intermédio de suas leis, tornarem seus cidadãos virtuosos politicamente.

Conclusão

A título de conclusão vamos retomar de modo um pouco as conexões entre o Mito de Prometeu e o Grande Discurso.

Não é dito com clareza no mito como Prometeu distribui aos homens as artes e o fogo de Hefesto e Atena. Todavia, podemos deduzir isto da fala de Hermes. Hermes pergunta a Zeus se a justiça e o pudor devem ser dados como as artes onde um só homem com determinada capacidade é suficiente para muitos, como é o caso da medicina. Prometeu pode ter se espelhado em Epimeteu, seu irmão, e distribuído as capacidades de modo equilibrado para que nenhum ser humano fosse superior a outro. Assim, se Protágoras só fizesse o mito poderia parecer que ele opera com a dicotomia arte/política, de modo que a primeira é distribuída aos homens, cada qual com sua qualidade, sem a necessidade de trocas de habilidades entre eles, enquanto que a segunda seria uma dádiva divina dada a todos os homens de modo igualitário. Entretanto, no discurso, ou melhor, no final dele, na alegoria da cidade de flautistas imaginária, ocorre um entrelaçamento dessas categorias, complexando esta relação.

Nesta alegoria, Protágoras pede que imaginemos uma cidade que para existir precisa que todos, cada qual com sua capacidade, tocassem flauta. Assim, tanto dentro de sua própria casa como em público, todos ensinam a todos, sem distinção, sem que ninguém escondesse o que sabe, uma vem que toda cidade irá se beneficiar do aprendizado de cada indivíduo. Nesta situação, o filho de um bom flautista não seria necessariamente o melhor flautista, mas o menino habilidoso que tivesse aula com todos. Como este aprendiz consegue aprender e absorver as capacidades de todos, ele, com o tempo, se tornaria o melhor flautista. Como nesta cidade todos, inclusive o melhor flautista, tem por obrigação ensinar a todos o seu modo

Robson Gabioneta

de tocar - nada mais justo, uma vez que sua dádiva foi desenvolvida com o conhecimento de todos -, provavelmente ele não seria o melhor flautista por muito tempo, pois logo um jovem habilidoso irá tocar melhor que ele. Além do mais, a identificação dos bons flautistas só é necessária para a cidade organizar o ensino do tocar as próximas gerações e àqueles que querem desenvolver sua técnica. Porém, isto não impede que todos falem abertamente do conhecimento necessário para se tocar bem uma flauta.

Do mesmo modo deve acontecer com a virtude política na cidade, completa Protágoras. Isto é, na cidade aquele que tem alguma habilidade para a virtude política deve desenvolvê-la com ajuda de todos. Depois disso, deve ensinar as próximas gerações e quem mais quiser aprender. Nenhum segredo é permitido, nem sobre o conhecimento da virtude, nem sobre sua aquisição. Do mesmo modo, a identificação do homem que é mais virtuoso, algo, aliais, transitório, não significa que só ele pode falar da virtude, pelo contrário, todos devem falar e praticar a virtude, sempre em vista a seu desenvolvimento.

O castigo, no mito, surge como uma clausura de uma dádiva - o homem que não quiser receber a justiça e o pudor deve ser expulso ou morto pela cidade - indica que o homem possui a condição de escolher se quer ou não receber o presente de Zeus dado por Hermes. No discurso o castigo é justificado: ele não pode ser usado de modo compensatório, como na expressão “olho por olho, dente por dente”, mas como lição, como ensinamento para o individuo e para a cidade de algo que não deve ser feito, uma vez que causou mal-estar na cidade, dificultando a vida nela.

Por fim, um último aspecto da complementaridade entre os discursos de Protágoras: as gerações dos homens. O mito opera com uma primeira geração de homens. Esses homens, num primeiro momento, estão nus e sem

Narrativas de Protágoras

qualidade alguma; depois recebem de prometeu o fogo e as artes de Hefesto e Atena, cada qual a sua quantia; finalmente todos recebem de Zeus por intermédio de Hermes o pudor e a justiça. O discurso, por sua vez, lida com o homem já na cidade onde é preciso uma educação rígida – talvez apenas para as primeiras gerações –, não apenas na transmissão do conhecimento – que também deve ser partilhada –, mas na transmutação da virtude da cidade, ou, se preferirem, na virtude do homem. Esta precisa da atenção e dedicação de todos. Assim, enquanto o mito evidencia o momento em que o homem nasceu da terra, recebendo dos deuses suas primeiras capacidades, o discurso apresenta os homens já sem a constante intervenção divina, responsáveis uns pelos outros, com a incumbência de ensinar uns para os outros, principalmente as novas gerações, tanto a arte política como a virtude técnica⁶.

⁶ A atualidade dos discursos do Protágoras platônico é assustadora. Algumas consequências da prioridade do desenvolvimento técnico/artístico em detrimento ao desenvolvimento da virtude política, algo comum e banal na nossa época, estão apontadas no diálogo; outras, porém, não são difíceis de serem deduzidas. No que tange ao objetivo deste discurso, pensamos ter mostrado algumas conexões entre o mito e o discurso de Protágoras, porém, como qualquer texto que se pretende dialogar com os diálogos de Platão, este aqui, em especial, está bastante incompleto. Sobre a parte anterior do diálogo *Protágoras* ao recorte que fizemos, apontamos algumas conexões no primeiro capítulo da nossa dissertação de mestrado, intitulada: *Um estudo sobre o sofista Protágoras nos diálogos de Platão*, defendida na Unicamp em 2013 sob a orientação do professor Hector Benoit. Porém, o restante do diálogo, principalmente o trecho onde Sócrates comenta o poema de Simônides (339a-349d), trecho que discuti as ideias apresentadas aqui, será uma dívida nossa com você leitor. Não obstante, vamos apontar alguns elementos que podem nos ajudar a desenvolver este trabalho: a discussão da origem ou o motivo de uma composição artística, as relações entre Simônides e sua tradição mais imediata, ou seja, Píftaco, a relação entre o poeta e sua cidade; as dificuldades em identificar a virtude e o virtuoso, os riscos que o homem que se tornou um pouco virtuoso corre para manter-se como tal, entre outros. Em suma, um trabalho honesto sobre Platão, ou, se preferirem, um trabalho virtuoso sobre Platão, deve, pelo menos, apontar quais os diálogos que, de algum modo, dialogam com o texto analisado. De modo que o leitor possa procurar, não o pensamento de Platão sobre este ou aquele assunto, algo impossível e pouco produtivo como aponta Benoit em seus trabalhos, mas os elementos que ajudaram a academia platônica a discutir os problemas de sua época, para que, de posse destes elementos conceituais, possamos conversar sobre os problemas da Grécia Antiga que ainda se mantêm nos nossos dias e/ou os novos problemas que criamos.

Bibliografia

BENOIT, Hector. *Em busca da odisséia dialógica: a questão metodológica das temporalidades*. Campinas: Unicamp, 2004 (Tese de Livre-Docência em Filosofia)

CUNHA NETO, Osvaldo. *Protágoras de doxografia platônica sobre o mais eminente sofista*. Estudo e Tradução. Mestrado defendido no IEL Unicamp em 2012.

GABIONETA, R. *Um estudo sobre o sofista Protágoras nos diálogos de Platão*. Campinas: Unicamp, 2013 (Dissertação de Mestrado em Filosofia)

PLATÃO. *Diálogos*. Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 1972.

SOBRINHO, Rubens Garcia Nunes. *Kosmos e inteligência: o mito de julgamento do Górgias*. Belo Horizonte: UFMG, 2011 (Tese de Doutorado)